



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13904 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

PAIS DO FUTURO: O QUE PENSAM JOVENS ESTUDANTES NEGROS SOBRE PATERNIDADE?

Leandro Teófilo de Brito - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Paulo Melgaço da Silva Junior - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO UNIRIO

Agência e/ou Instituição Financiadora: Não possui

PAIS DO FUTURO: O QUE PENSAM JOVENS ESTUDANTES NEGROS SOBRE PATERNIDADE?

Resumo: Esta pesquisa busca refletir sobre as possibilidades de construção de (novas) paternidades a partir das narrativas de jovens estudantes negros. Para isso, nos baseamos nas teorizações da performatividade e da interseccionalidade para pensar as categorias masculinidade, juventude e raça, bem como em textos sobre as temáticas das masculinidades negras e da paternidade. Além disso, operacionalizamos a metodologia Histórias de Vidas por meio de entrevistas com jovens estudantes de uma escola pública de Duque de Caxias – RJ. Entre os resultados, os jovens enunciaram que existe uma possibilidade de se construir um novo e diferente futuro em relação às paternidades negras e que, apesar de não terem tido boas referências com seus pais, pretendem fazer diferente com seus filhos, mesmo levando em consideração as dificuldades inerentes à raça e classe social, de que os homens negros são vítimas constantes.

Palavras-chave: Masculinidade; Raça; Juventude; Paternidade; Escola

O Instituto Promundo divulgou em 2021 o primeiro relatório sobre paternidades

negras no Brasil. Apresentando referências teóricas e dados gerados a partir de uma pesquisa realizada pela internet, o documento foi respondido por 270 homens negros. No entanto, algumas perguntas chamaram a atenção: a) em relação ao nível de escolaridade respondido por todos os participantes, pois 27,8% não possuíam o ensino fundamental e 30% possuíam ensino fundamental completo; b) dos 269 respondentes, 55,4% haviam sido pais pela primeira vez entre os 18 e 29 anos; c) em relação aos seus pais, a pergunta “enquanto filho, você considera que seu pai era presente em relação aos cuidados com você?” teve 179 respondentes, sendo que 34,6% responderam que não conviveram com um pai atuante em suas vidas. Podemos deduzir, pensando em termos geracionais que, parte significativa de homens negros não conviveram com os cuidados de seus pais.

Nesse sentido, por meio de entrevistas com homens jovens, negros e estudantes de uma escola do município de Duque de Caxias - RJ, partimos da seguinte questão: como jovens negros pretendem vivenciar a paternidade, considerando as relações paternas vivenciadas (ou não) no âmbito familiar. Assim, o objetivo desta pesquisa é refletir sobre as possibilidades de construção de (novas) paternidades a partir das narrativas de jovens negros. Defendemos que é preciso conhecer estes jovens, ouvir suas histórias, problematizar suas realidades para que possamos apostar na construção de um futuro mais justo, por meio de políticas públicas e ações sociais, educacionais e de saúde mais alteritárias.

Para isso, interpretamos as identificações da masculinidade, juventude e raça nesta pesquisa como performativas. Conforme Butler (2019, 2021), a repetição das normas por meio da linguagem busca nos produzir enquanto sujeitos na cultura e no social, mas por processos contingentes diversos, esse enquadramento normativo não se processa em plenitude nos diversos contextos. Desse modo, as identificações anunciadas se mostram plurais e sem qualquer sentido essencialista ou determinista. A abordagem interseccional também nos auxilia nessa interpretação, pois não se trata de um mero somatório de opressões, mas de uma abordagem integrada que articula categorizações da diferença que emergem e interpelam os relatos dos sujeitos. Consideramos a interseccionalidade como uma perspectiva analítico-política potente para problematização de diferentes marcadores identitários em redes de poder e suas complexidades na produção da diferença e na reprodução das desigualdades sociais (CRENSHAW, 2002; BILGE, 2009).

Com o propósito de produzir narrativas com homens jovens, negros e estudantes, optamos por realizar uma pesquisa qualitativa. Como tal proposta se preocupa com uma realidade que não pode ser quantificada, respondendo a questões muito particulares, trabalhando um universo de significados, crenças, valores e que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis, utilizamos a metodologia Histórias de Vidas (SPINOLA; SANTOS, 2003). Apostamos nesse caminho metodológico por ser possível conhecer as formas com que os sujeitos se inserem, atuam no mundo e no grupo do qual fazem parte, além de suas perspectivas de futuro.

É relevante destacar que, por meio de narrativas biográficas e autobiográficas, nossas histórias de vida e experiências tomam sentido e contribuem para a projeção de nosso futuro. Nesse sentido, participaram da pesquisa 4 estudantes do 9º ano de escolaridade e 1 ex-estudante da escola. Destacamos que todos se autodeclararam negros e serão nomeados por nomes fictícios: Caio, 17 anos e Carlos, 16 anos se identificavam como homens cis heterossexuais; Douglas, 16 anos se identificava como homem cis bissexual; Edgar, 16 anos se identificava como homem cis homossexual; e o ex-estudante Fred, 18 anos, que se identificava como um homem trans heterossexual. As entrevistas aconteceram de maneira individual na própria escola, em maio de 2022, foram gravadas e transcritas e cada uma teve a duração de aproximadamente 50 minutos.

Defendemos também o argumento de que é importante olhar para as histórias de vida de maneira interseccionada, como uma estratégia para tentar compreender as diversas linhas de subordinação sofridas pelos jovens a partir de suas diversas vivências (ou não) com seus pais. Buscamos interpretar suas performatizações de masculinidades integradas à condição jovem e à raça, que certamente afetam as diferentes formas de projeção e idealização de futuro. Assim, as experiências de masculinidades e paternidades aqui analisadas devem ser entendidas como eventos historicamente localizados, que produzem novas possibilidades de explicações para a realidade.

Raça é também uma construção histórica, cultural, social, discursiva e performativa (MELO; MOITA LOPES, 2016). Neste sentido, o termo negro de acordo com Mbembe (2014), é uma invenção eurocêntrica que coloca a raça branca como suprema e hegemônica, isto é, um exemplo a ser seguido e com a qual todas as outras raças são comparadas. Assim, a linguagem dá existência e contribui para a hierarquização da raça.

Nesse contexto, a paternidade é uma construção social na qual os sujeitos aprendem a vivenciar e constroem suas relações com os filhos a partir de diferentes experiências (CUNICO; ARPINI, 2013; ELOI, 2022). Ela é sentida e vivida de modo muito particular e não há um modelo único de paternidade. É uma experiência que se constrói em vários níveis, nos quais os aspectos socioculturais estariam associados a ser provedor de recursos, respeito e autoridade e aos aspectos relacionais ligados ao relacionamento com a mãe das crianças. O homem negro, recorrentemente, é acusado de ter dificuldade em assumir família, de permanecer em um relacionamento monogâmico, de vivenciar uma sexualidade exacerbada, de gostar de bebida e de permanecer em subempregos (SOUZA, 2017).

Na produção das narrativas, os jovens trouxeram relatos sobre as relações vivenciadas com seus pais: Caio e Douglas narraram que ambos possuíam uma relação quase nula com seus pais, todos homens negros. Caio também relatou conhecer e trabalhar com o pai e que ele é considerado um garanhão na comunidade, pois teve 29 filhos com várias mulheres e não se apegou a nenhuma: “Minha mãe contou que estava grávida, primeiro ele disse para ela que o filho não era dele, ela já tinha filhos de outros homens, então ele não tinha certeza se era o pai. Depois ele mandou ela abortar, quis levar numa clínica e tal, porque não podia ter

mais filhos... ela não quis” (Caio).

Já Fred, também filho de homem negro, destacou que nunca teve um relacionamento com seu pai, apesar de conhecê-lo, nunca foi assumido por ele como filho e não possuía registro em sua certidão de nascimento. Um fator que chama a atenção nas narrativas é a dificuldade do homem negro aceitar as múltiplas possibilidades de masculinidades. Ao longo da entrevista, Fred destacou como foi ignorado e até provocado por seu pai quando transicionou de gênero. Ao mesmo tempo, é importante destacar que Fred integra parte do grupo de jovens brasileiros que não possuem o nome do pai na certidão de nascimento: “Meu pai nunca me assumiu, nem me registrou. Vivia nas biroscas e quando era pequeno, ele ainda brincava comigo, depois que assumi minha transexualidade ele nunca mais falou comigo, me ignorou por completo” (Fred).

Um dos objetivos de conhecer as histórias de vidas destes jovens é provocar reflexões sobre como se posicionar no mundo atual, cuidando de si, do outro e buscando construir um futuro melhor. Assim, ao refletir sobre o discurso centrado no falocentrismo, na força e virilidade do homem negro, a partir das experiências com seus pais, é possível contribuir para que estes jovens vivenciem suas masculinidades e sexualidades de modo mais consciente, assim como para que eles possam vislumbrar uma futura paternagem de maneira diferente das que viveram.

Nesse sentido, em relação ao futuro, os jovens também narraram que esperam se construir como pais de maneira diferente, pois ambos defenderam a seriedade e responsabilidade com os filhos. Entre as narrativas, é relevante também destacar que as performatizações de masculinidades negras dos jovens acabam por tensionar novas visões de paternidades: jovens que foram abandonados ou negligenciados por seus pais, a partir de suas orientações não heterossexuais, como Douglas e Edgar, e pela identidade de gênero, como é o caso do Fred, relataram que buscam reconstruir outros caminhos para as paternidades, caso as vivenciem no futuro.

As falas mostram que existe uma possibilidade de se construir um novo e diferente futuro em relação às paternidades negras e que apesar de não terem tido boas referências com seus pais, estes jovens pretendem fazer diferente com seus filhos, mesmo levando em consideração as dificuldades inerentes à raça e classe social, de que os homens negros são vítimas constantes.

Interpretar as histórias de vidas destes jovens nos permitiu compreender as vulnerabilidades frente à hipersexualização de seus corpos, à violência, ao racismo, ao machismo, LGBTfobia e, sobretudo, à carência de uma relação com a figura paterna, em uma comunidade específica. Assim, este estudo revelou que existe uma possibilidade de agência, uma tentativa de inverter uma lógica pautada no processo de construção da masculinidade negra, na qual estes jovens foram/estão sendo construídos. Nesse sentido, em um país cuja ideia de democracia racial impera, se torna urgente pensar em alternativas e novas maneiras que não se restrinjam a única alternativa possível, como nos é apresentada pela sociedade.

Para concluir, defendemos essa pesquisa como um ato de problematização, que talvez possa vir a contribuir para uma maior compreensão sobre masculinidades e juventudes negras nos estudos no campo da Educação, favorecendo a criação de políticas que permitam que estes jovens se constituam como adultos e pais negros possuidores de oportunidades e de responsabilidades com suas famílias. No entanto, é relevante destacar que o texto se refere a estudantes moradores de um local e contexto específico. Assim, o estudo abre possibilidades para se refletir sobre as relações entre o homem negro e a paternidade em outros contextos e estratos sociais, mobilizando nosso entendimento sobre a importância de aprofundamento e ampliação do debate. Outro aspecto, que não podemos deixar de mencionar, é o entendimento de que existe uma diversidade de modelos de família, o que nos permite a reflexão sobre outras referências no âmbito da paternidade, como pais de criação, tios, tias, avós, entre outros, que abrem a possibilidade de construção de outras formas de afeto e responsabilidade.

REFERÊNCIAS

BILGE, Sirma. Smuggling intersectionality into the Study of Masculinity: Some Methodological Challenges. *Feminist Research Methods: an International Conference*, 2009, Stockholm. **Anais...** Stockholm: 2009.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do sexo. São Paulo: n-1 edições, 2019.

BUTLER, Judith. **Discursos de ódio**: uma política do performativo. São Paulo: Editora UNESP, 2021.

CRENSHAM, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.10, n.1, p.171-188, jan. 2002.

CÚNICO, Sabrina Daiana; ARPINI, Dorian Mônica. A família em mudanças: desafios para a paternidade contemporânea. **Pensando famílias**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 28-40, 2013.

ELOI, Yago. Paternidades negras: transformando drama em um ato político de resistência. In: SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da; CAMILO, Vandelir (Orgs.). **Masculinidades negras**: novos debates ganhando formas. São Paulo: Ciclo Continuo Editorial, 2022, p. 41 – 54.

INSTITUTO PROMUNDO. **Primeiro relatório sobre masculinidades negras no Brasil**. Brasília, DF: Instituto Promundo, 2021.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MELO, Glenda; MOITA LOPES, Luiz Paulo. Você é uma morena muito bonita: a trajetória

textual de elogio que fere. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 54, n. 1, p. 53-78, 2016.

SOUZA, Henrique Restier da Costa. Homens negros intelectuais: paradoxos e potências. **Justificando direito**: mentes inquietas pensam direito, São Paulo, 2017.

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa (dora?). **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 37, p. 119-126, 2003.